

# A IMPORTÂNCIA DA PINTURA DE AURÉLIA RUBIÃO

José Roberto Sales

Citação deste artigo:

SALES, José Roberto. A importância da pintura de Aurélia Rubião. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. LXI, p. 141-144, abr., maio e jun. 2012.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SALES, José Roberto. **Aurélia Rubião : Vida e Arte**. Varginha : J. R. Sales, 2011. 490p. Ilustrado; tabelas. Impressão: Gráfica Editora Sul Mineira. ISBN 978-85-60604-09-8.

É fato reconhecido por especialistas que a história das artes plásticas, em Belo Horizonte e em Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XX, ainda tem sido pouco estudada. Com isso, persistem lacunas que dificultam aos mineiros se apropriarem de um tipo de conhecimento que faz parte de sua história e pode contribuir para a reafirmação de sua identidade cultural.

Nesse sentido, merece ser focalizada a pintora figurativista Aurélia Rubião que, ao lado da escultora belga Jeanne-Louise Milde (1900-1997), teve ativa participação nos movimentos artísticos de Belo Horizonte no período de 1930-1940. Na época, a participação feminina em qualquer tipo de arte ainda era recebida com reservas pela sociedade e pelos familiares, pois esse comportamento rompia com o padrão social de gênero esperado para as então denominadas “moças de família” ou *mademoiselles*.

Aurélia Rubião nasceu em Varginha, Minas Gerais, no dia 02 de maio de 1901, filha de Luiz Álvares Rubião e Amélia Augusta de Vasconcellos, e prima do festejado contista Murilo Rubião.

Da mesma forma que os artistas de sua época, Aurélia viveu os conflitos brasileiros do início do século XX entre a arte acadêmica de nítida influência europeia e o Modernismo cujo marco inicial é a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo.

O Modernismo, em sua vertente mais anárquica (representada pelo Movimento Antropofágico de Oswald de Andrade) afirmava que o Brasil necessitava assimilar as influências estrangeiras a fim de transformá-las em uma expressão artística original, amalgamada pelas vivências humanas, sociais, históricas e culturais do povo brasileiro, cuja formação populacional recebeu a marca determinante e criativa da miscigenação.

O período em que Aurélia Rubião se tornou uma pintora madura e consagrada pela crítica e pelo público foi marcado pelas idéias modernistas. De alguma forma, em sua pintura, ela teve que responder a essas ideias, incorporando-as, rejeitando-as ou assimilando-as a seu próprio modo.

Ao olhar contemporâneo, para alguns críticos, os dogmas da Semana de 1922 nada acrescentaram de original ao que já havia sido realizado nos séculos XVIII e XIX por alguns artistas individuais (Aleijadinho) e, principalmente, pelos escritores românticos com seu nacionalismo indianista. Contudo, não devemos olvidar que tais ideias tiveram o mérito de trazer novamente à discussão estética daqueles momentos, perguntas de difícil resposta: o que seria uma arte genuinamente brasileira? Ela existe?

À época, Aurélia Rubião já reconhecia a importância de uma matriz nacional das artes quando no artigo “Ouro Preto” escreveu sobre “o vulto estranho do

Aleijadinho, precursor de nossa arte, rebelando-se para buscar um rumo novo à arte brasileira” (publicado em jornal de Belo Horizonte não identificado no original pesquisado).

Aurélia Rubião afirmou em entrevista: “Não tenho preferência por nenhuma escola. Gosto do que é belo, pouco se me dando se se trata de um motivo moderno ou clássico”. “A arte atual – diz a pintora - : acha-se em estado de transição e nada tem de definido. Cada artista é um pesquisador que tenta trazer à tona alguma coisa de novo, o que prova a insatisfação artística dos nossos dias” (*Diário da Tarde*).

Em Belo Horizonte, em 1937, o autorretrato de Aurélia Rubião (óleo sobre tela, 30 x 38 cm; 1937) obteve o 1º Prêmio de Figura – Seção Pintura no 1º Salão de Belas Artes, evento que foi amplamente divulgado pela imprensa belo-horizontina e que teve grande repercussão. Em 1938, participou do 2º Salão de Belas Artes, tendo obtido o prêmio extra de figura na seção pintura.

Em outubro desse ano, participou do 1º Fim de Semana de artistas e intelectuais realizado na Fazenda Petrópolis, em Santa Luzia, propriedade da escultora Jeanne Milde. Da mesma forma, o encontro teve ampla divulgação pela imprensa. Delpino Junior produziu uma caricatura, hoje clássica e bastante conhecida, desse grupo de artistas, entre os quais, Aurélia Rubião.

Em 1939, Aurélia Rubião obteve o 1º Prêmio de Figura – Seção Pintura – Obra de conjunto com o retrato da poetisa Henriqueta Lisboa, no 3º Salão de Belas Artes da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Sobre esse retrato, o professor Aníbal Mattos, conhecido por seu rigor conceitual, publicou em 1939 as seguintes críticas: “(...) à artista sobram manifestações de talento e a sua tendência para o retrato, gênero difícil, que reclama grandes conhecimentos técnicos e, principalmente, de interpretação psicológica, se vêm acentuando gradativamente. A senhorita Aurélia Rubião, que apareceu antes, nos Salões da Sociedade Mineira de Belas Artes, é um dos bons valores da atual pintura mineira”.

Aurélia Rubião se formou na Escola de Belas Artes de São Paulo, em 1933, tendo colado grau em 19 de maio de 1934, ao lado de outros artistas que também deixaram sua marca na pintura e na arquitetura nacionais. Foi amiga de Mário de Andrade, José Carlos Lisboa, Henriqueta Lisboa, do escultor Alfredo Olini, Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Henriqueta Lisboa.

A artista pintou centenas de quadros, ao longo de sete décadas. Por isso, no livro “Aurélia Rubião : Vida e Arte” (2011), de minha autoria, delimito o foco de minha pesquisa e análise no Acervo Varginha. A análise desse Acervo apresenta 183 obras de 37 coleções particulares e dos acervos público, eclesiástico e civil. Essa produção artística compreende o período de 64 anos entre 1923 e 1987, o que corresponde a

todas as etapas da vida da artista. As 183 obras não constituem a totalidade do Acervo Varginha, mas consideramos que a quantidade localizada e catalogada representa uma amostragem bastante ampla, variada e significativa.

A artista revela predileção pela técnica da pintura a óleo além de aguadas (aquarelas e guaches) e cinco desenhos a lápis sobre papel. Segundo declaração da artista, alguns de seus óleos sobre tela foram pintados com uma técnica de pintura mista que incluía o pontilhismo, ou seja, não era exatamente o pontilhismo utilizado pelos pós-impressionistas, a partir de 1880.

As temáticas prediletas de Aurélia Rubião eram as naturezas-mortas com flores, frutas e objetos de utilidade doméstica, além de retratos e gênero histórico-religioso. A arte da pintora é muito pessoal, inspirada em motivos líricos, íntimos, folclóricos, populares, mítico-religiosos, do interior doméstico e contemporâneos (retratos).

Aurélia Rubião produziu uma pintura figurativista de estilo naturalista clássico; em algumas de suas obras pode-se perceber a influência do Movimento Modernista. Ela própria declarou em entrevista: “Tenho, também, tendências modernistas” (RUBIÃO, 1980). No entanto, a análise das obras do Acervo Varginha (inclusive de aquarelas e guaches) revela uma influência maior do Grupo Santa Helena: figurativismo; interesse pelas naturezas-mortas, retratos e autorretratos; e preferência por tons rebaixados, de fatura fosca, o que confere uma tonalidade acinzentada aos quadros.

Em Belo Horizonte, Aurélia participou de exposições na Sociedade Mineira de Belas Artes (1936), no Salão de Belas Artes (1937, 1938 e 1939), no Clube Belo Horizonte (1940) e no Salão Nobre da Cultura Inglesa (1954).

Em Varginha, a artista participou de exposições realizadas no Clube de Varginha (1926 e 1984) e na Paróquia do Divino Espírito Santo (1982), bem como da exposição da Semana de Artes de Varginha, organizada pela Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências (1971).

Foi na cidade de São Paulo, no entanto, que a artista realizou o maior número de exposições. Nessa cidade, Aurélia Rubião participou do concorrido Salão Paulista de Belas Artes pelo menos dezoito vezes no período de 1941 a 1972. Além disso, a artista participou do Salão Paulista de Arte Moderna (1952 e 1953), do Salão Distrital da Lapa (1951), do Sindicato dos Artistas de São Paulo (1947 e 1951) e da Galeria de Arte da Associação Cristã de moços de São Paulo (1973).

Dos eventos paulistanos, destaca-se sua participação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, evento que é um marco na história das artes plásticas do

Brasil e representa o ápice de sua carreira artística. A obra inscrita nessa bienal foi um retrato de sua prima Maria Olímpia Rubião (óleo sobre tela, 55 x 46 cm; 1949).

Em Santos – SP, Aurélia Rubião participou do Salão da Cidade de Santos (1953) e do Salão Oficial de Belas Artes (1970).

Outras pinturas bastante conhecidas de Aurélia Rubião são o retrato de sua amiga Henriqueta Lisboa e de seu primo Murilo Rubião (65 x 49 cm; 1937); trabalhos que fazem parte do acervo da Universidade Federal de Minas Gerais.

Recentemente, a obra de Aurélia Rubião tem sido reavaliada e revalorizada por especialistas. Prova disso são as exposições póstumas com obras da artista realizadas pelo Museu Mineiro – coletivas (1994 e 1996), Pinacoteca do Estado de São Paulo – coletiva (2004) e Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências – individual (2005).

Aurélia Rubião iniciou sua carreira no magistério no Colégio dos Santos Anjos, em Varginha, em 1926, onde lecionou desenho. No ano seguinte, ela se mudou para São Paulo a fim de cursar a Escola de Belas Artes. Lecionou na Escola de Aprendizes Artífices de Belo Horizonte e de São Paulo (posteriormente, denominadas Escolas Técnicas Federais). Na Escola Técnica Federal de São Paulo, foi professora de Ensino Industrial, cadeira de Desenho Ornamental, função na qual se aposentou.

Para finalizar, julgamos sugestivo o trecho abaixo reproduzido de uma entrevista de Aurélia Rubião concedida em 1980 ao jornal católico *O Peregrino*, de Varginha:

“Minha Arte é minha vida. Não me casei para me dedicar exclusivamente à pintura. Meus quadros são meus filhos. Não gosto de vender nenhum deles (...) Tenho na Arte uma necessidade humana, inerente ao meu ser. Gosto de todas as Artes, mas amo a pintura. Ela tem importância fundamental na minha vida. Vivi e vivo por ela”.

Estas palavras sinceras e espontâneas, dão bem a ideia da importância que a pintura teve em sua vida.